

A RELAÇÃO AMOROSA O “FICAR” A PARTIR DO *HABITUS* E DA TRAJETÓRIA DE VIDA DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS

THE LOVE RELATIONSHIP THE “HOOK UP” FROM THE *HABITUS* AND LIFE TRAJECTORY OF UNIVERSITY STUDENTS

Natália Souza Nogueira

Mestrado em Educação Sexual pela UNESP, Centro Universitário Central Paulista (UNICEP)
nogueiranc@terra.com.br

Luci Regina Muzzeti

Departamento de Didática da UNESP. Faculdade de Ciências e Letras (UNESP)
lucirm@fclar.unesp.br

Resumo: O “ficar” é uma relação amorosa caracterizada pela curta duração de tempo, pela falta de compromisso, e pelo envolvimento com vários parceiros. Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi investigar o “ficar” por meio do *habitus* e da trajetória de vida dos jovens. A metodologia é qualitativa e a coleta de dados foi realizada por meio da entrevista semiestruturada; para tanto, foram entrevistados jovens entre 18 e 30 anos de idade, de ambos os gêneros, graduandos do curso de Pedagogia de uma Universidade Pública no interior do Estado de São Paulo. O referencial teórico de Pierre Bourdieu deu luz à interpretação dos dados obtidos. Os resultados da pesquisa revelam que o “ficar” é uma relação de curto prazo, sem vínculos e compromisso, sendo representado desde o ato de beijar até um estado pré-namoro. Além disso, conclui-se que faz parte do *habitus* dos jovens a vivência desse relacionamento.

Palavras-chave: Relações amorosas. Jovem. *Habitus*.

Abstract: The “hook up” is a loving relationship characterized by short duration of time, lack of commitment, and involvement with various partners. The objective of this research was to investigate the “hook up” through the *habitus* and the life trajectory of the young people. The methodology is qualitative and the data collection was performed through the semi-structured interview; for that, were interviewed young people between 18 and 30 years of age, of both genders, graduating from the Pedagogy course of a Public University in the interior of the State of São Paulo. The theoretical reference of Pierre Bourdieu gave light to the interpretation of the data obtained. The results of the research reveal that “hook up” is a short-term relationship, with no ties and commitment, being represented from the act of kissing to a pre-dating state. Also, it is concluded that it is part of the *habitus* of young people the experience of this relationship.

Keywords: Love relations. Young people. *Habitus*.

Introdução

No presente artigo apresenta-se um recorte da dissertação de mestrado intitulada *O jovem e o “ficar” à luz da teoria Bourdiana*, ano de 2015, fundamentada pela discussão sobre a relação amorosa o “ficar” a partir da trajetória de vida e do *habitus* de jovens universitários.

Inicialmente é importante diferenciar os conceitos de sexo e sexualidade antes de destacar o comportamento afetivo-sexual. Segundo Nunes (2011), o termo sexo está interligado ao biológico e à procriação dos seres vivos sobre a ótica do senso comum, podendo o conceito de sexualidade confundir-se com a dimensão biológica. As práticas do sexo podem estar interligadas também ao prazer, ao desejo e ao poder (GARTON, 2009).

Foi apenas na metade do século XIX que a palavra sexo começou a ser escrita e falada com maior abertura, ou seja, saindo do âmbito do pecado para o da condição humana (Cabral, 1999). De acordo com Catonné (2001), em relação às questões de procriação, se pode ter relações sexuais sem visar à procriação desde antes da era moderna da contracepção, porém hoje as duas noções estão completamente separadas. O acesso aos métodos anticoncepcionais torna possível para cada pessoa escolher quanto ao nascimento, o número de filhos e a procriação sem o ato sexual.

Cada cultura produz suas ideias sobre sexo e as peculiaridades de uma podem não ser necessariamente naturais em outra. As percepções e o comportamento sobre o sexo se divergem e mostram acentuadas diferenças, ainda, dentro de uma mesma sociedade, classe social, ou de uma

classe social para outra (GREGERSEN, 1983).

Em relação à sexualidade, Figueiró (2006a, p.2) diz que essa “inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade [...]” e abarca também os valores e normas morais de cada cultura. Segundo Maia e Ribeiro (2011), os aspectos biológicos, psicológicos e sociais compõem a sexualidade humana e se expressam de maneira única em cada pessoa.

Louro (2001, p.11) compreende que sexualidade “[...] envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”. Ainda segundo a autora, os corpos ganham sentido socialmente, e cada cultura constrói suas características específicas.

De acordo com Affonso e Ribeiro (2006) a análise da sexualidade abrange as manifestações dos impulsos sexuais biológicos e sociais como o desejo, a busca do objeto de desejo, as representações do sexo e o imaginário popular. Loyola (1999) ressalta que a sexualidade pode ser abordada:

[...] em relação à família, ao parentesco, ao casamento e à aliança como constitutiva e, ao mesmo tempo, perturbadora da ordem social (antropologia e sociologia). Ela pode ser abordada, ainda, como constitutiva da subjetividade e/ou da identidade individual (psicanálise) e social (história e ciências sociais em geral); como representação (antropologia) ou como desejo (psicanálise); como um problema biológico/genético (medicina); ou ainda como um problema político e moral (sociologia, filosofia) ou, mas direta e simplesmente, como atividade sexual [...] (LOYOLA, 1999, p.32).

Sobre o contexto das relações amorosas e conjugais, a sexualidade juvenil tornou-se um tempo à parte e não pode mais designar uma sexualidade pré-marital conforme a tradição da sociologia da família americana, na qual a sexualidade dos jovens foi considerada um período breve, incompleto e preparatório para o casamento durante muito tempo (BOZON, 2004).

A definição de juventude está relacionada a diversos pontos de partida, por exemplo, do período de término dos estudos, da saída da casa dos pais ou da forma de apropriação do capital econômico, social e cultural. De acordo com Abramo (2005), a juventude pode ser caracterizada a partir da faixa etária, do período de vida, de um contingente populacional, de uma categoria social ou até uma geração, e há uma correspondência com a faixa etária, mesmo que os limites etários não possam ser definidos rigidamente.

Catani e Gilioli (2008, p.12) dizem que existem várias juventudes que se diferem de acordo com as condições sociais e históricas específicas como a faixa etária, a determinação da maturidade/imaturidade de cada pessoa, os critérios socioeconômicos, o estado de espírito, o estilo de vida ou o setor da cultura.

Ainda segundo os autores, “para a sociedade, o desafio é definir o jovem, enquanto para o jovem é definir-se diante de si próprio, de seus pares e perante a sociedade”.

Para Wüsthof (1998), o processo de tornar-se adulto acontece aos poucos durante toda a adolescência, sendo que a conquista da autonomia acontece quando o jovem não depende mais dos seus pais, pois enquanto depender não terá concluído a adolescência. Esse período da vida é caracterizado por importantes decisões, escolhas e ações em relação ao futuro, em especial, as descobertas afetivo-sexuais. Nas palavras de Bozon (2004, 69) “a possibilidade de viver uma verdadeira juventude, outrora um privilégio social limitado, pouco a pouco se generalizou, de formas diversas, ao conjunto da faixa de idade” durante o século XX. Giddens (1993) discorre sobre as mudanças no âmbito emocional na sociedade moderna. Em suas palavras:

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do *eu*, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais (GIDDENS, 1993, p.25).

Ainda segundo o autor, o conceito de sexualidade plástica liberta a sexualidade das necessidades de reprodução, principalmente em decorrência do desenvolvimento dos métodos contraceptivos criados a partir do século XX. O autor diferencia o amor confluyente do amor romântico¹, pois o primeiro não é, necessariamente, monogâmico. A relação é marcada pelos benefícios que cada um obtém e que garante a não interrupção desta relação (GIDDENS, 1993).

Ao longo do tempo, as relações amorosas se modificaram tornando-se mais fluidas em uma sociedade ocidental marcada pelo consumismo, pelas mudanças rápidas e pela busca de satisfação imediata (BAUMAN, 2004).

Considerando as mudanças estabelecidas nas vivências das relações afetivo-sexuais, o “ficar com” surgiu no início da década de 80 e foi caracterizado como um código de relacionamento com pluralidade de regras, ausência de fidelidade, apresentando desde a possibilidade de início de um namoro, até a ruptura do conceito estabelecido entre compromisso e prazer (CHAVES, 1994).

Segundo Stengel (2003), a busca de prazer é a principal característica desse relacionamento, podendo acontecer em um encontro de um dia e/ou noite, desde beijos à relação sexual. O “ficar” pode ser compreendido como um relacionamento completo, com começo (encontro dos parceiros), um meio (a ficada) e um final (a não continuidade ou não formação de vínculos). Ademais, é um relacionamento marcado pela busca do prazer independente de um compromisso estabelecido e da presença de sentimento.

Nesse ponto, Reith (1998) acrescenta que no “ficar” é a atração física que rege o encontro, e a relação sexual pode se consumir mesmo sem compromisso. Pode também conter a expectativa de conhecer o outro ideal junto com o confluente sexual. Nesse aspecto, para os rapazes a possibilidade da variação de parceiras no “ficar” recebe um valor positivo; no entanto, as moças estabelecem limites, pois uma variedade grande de parceiros resulta em valorado negativo (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

De acordo com Bruns (2010) os relacionamentos relâmpagos acontecem como se fossem eventos e seguem padrões específicos como, por exemplo, curta duração e falta de continuidade. A geração@.com², segundo a autora, exacerba o contato sexual que possibilita vivenciar a ilusão de ser aceito, amado e valorizado. Nas palavras de Almeida (2006, p.154) o “ficar” é essencialmente beijar e representa a frouxidão do compromisso. A sua prática representa uma “[...] marca episódica naquilo que é essencialmente situacional”. Por último, cabe ressaltar que as uniões acontecem dentro do mesmo grupo social ao qual o ficante pertence, pois os encontros são facilitados pela transitoriedade deles nos mesmos ambientes (SILVA, 2002).

Segundo Justo (2005) a palavra “ficar” representa parada e permanência, mas o termo significa um relacionamento episódico e com pouca duração, que envolve beijos, abraços e carinhos em sua prática mais comum, é passageiro e sem envolvimento profundos. Segundo o autor:

Basicamente, o adolescente vive a tensão gerada por modelos de amor e relacionamentos antigos e modelos gerados pelas forças psicossociais da atualidade. Se por um lado é atraente o ideário do amor romântico, pela promessa de segurança, confiabilidade, fidelidade, durabilidade e outras vantagens, por outro, também é fascinante a promessa da maior independência, autonomia, realização, diversidade e outras coisas com as quais o amor confluyente acena (JUSTO, 2005, p.75).

Em uma pesquisa sobre as concepções de professores e alunos do ensino médio sobre o “ficar”, Figueiró (2006, p.69) verificou que “[...] os adultos têm maior resistência a compreender e aceitar o “ficar” como uma nova forma de relacionamento entre os jovens; os adultos julgam apenas a partir de seu referencial, sem ter conhecimento do que pensam os adolescentes sobre o assunto”. Por sua vez, os adolescentes têm vivido a experiência do “ficar” e a têm avaliado como válida, mas ainda carecem de espaços de reflexão e debate para redimensioná-las e para poder potencializá-las como um caminho para uma construção positiva do relacionamento afetivo-sexual.

¹ Segundo Giddens (1993, p.72) “o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico”.

² Segundo Bruns (2010) a “geração@.com” indica os seguidores do modelo de relacionamentos rápidos.

MÉTODO

Participaram da pesquisa três jovens do gênero masculino e três jovens do gênero feminino, com idades entre 18 e 30 anos, alunos do curso de Pedagogia de uma universidade pública de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Os participantes apresentam nomes fictícios para garantir o sigilo das informações. O perfil dos participantes são encontrados no Tabela 1.

Tabela 1. Dados gerais dos participantes entrevistados

Nomes	Idade	Profissão	Sexo	Estado civil atual
Ágata	21	Estudante	Feminino	Solteira
Enzo	19	Estudante	Masculino	Namorando
Estefânia	19	Estudante	Feminino	Namorando
Lorena	18	Estudante	Feminino	Namorando
Miguel	23	Estudante	Masculino	Namorando
Nicolas	30	Estudante	Masculino	Solteiro

Fonte: Elaborado pelas autoras

Como instrumento de coleta de dados optou-se pela entrevista individual semiestruturada que abordou temas referentes à educação sexual, sexualidade e o “ficar”, sendo que, o foco de atenção neste trabalho se refere à apresentação da compreensão do “ficar” para os jovens por meio do *habitus* e da trajetória de vida. Após a transcrição das entrevistas, a análise foi realizada a partir do método praxiológico de Pierre Bourdieu que fundamentou a pesquisa. O *habitus* atua sobre as práticas dos indivíduos em seu cotidiano, ou seja, atua nas escolhas e percepções do mundo, e em tudo o que incorpora em sua trajetória de vida, da qual as relações amorosas fazem parte, em especial, o “ficar”. Segundo Bourdieu (2003, p.67) *habitus* “é a posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles em todo tempo e lugar, sob a forma de *habitus*”.

[...] princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 2003, p.54)

Segundo Nogueira e Nogueira (2002, p.19) podemos pensar que o indivíduo “[...] é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído”.

Portanto, pode-se dizer que a trajetória social do indivíduo, por meio do *habitus*, produz práticas tanto no âmbito individual como no coletivo. A partir dessa trajetória do agente, o “ficar” e seus significados serão definidos pelos jovens universitários do gênero masculino e feminino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O “ficar”, segundo os jovens entrevistados, é um relacionamento caracterizado pela falta de compromisso porque não se objetiva uma continuidade ou responsabilidade sobre a relação, cujo momento, de diversão, é utilizado para melhor conhecer o parceiro. Não há também a necessidade de se envolver emocionalmente com a outra pessoa, como, por exemplo, relata Enzo: “[...] você está em uma festa e só quer ficar, não tem interesse de conhecer. Ou pode ser o medo da pessoa de não querer conhecer ninguém, se mostrar de como é de verdade, [medo] mostrar

para outra pessoa como ela é, prefere não ter relação, um vínculo”. A superficialidade do “ficar” pelo não comprometimento com a outra pessoa também fica evidente na fala de Miguel, ou seja, **não estabelecer vínculos** também pode ser considerado como uma forma de evitar o medo em se mostrar a verdadeira identidade para a outra pessoa, **é “uma forma da pessoa se resguardar, de fechar as emoções para ela mesma e não expor para outra pessoa de uma forma, entregue de forma rápida”**. Segundo Bourdieu (2003, p.65) “o habitus é a mediação universalizante que faz que as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto, ‘sensatas’, ‘razoáveis’ e objetivamente orquestradas”. Portanto, o jovem a partir do estilo pessoal, caracteriza esse relacionamento e suas vivências amorosas, o que pode ser evidenciados a partir dos depoimentos acima. Bozon (2004) ressalta que:

Nos comportamentos sexuais dos indivíduos, as práticas, os relacionamentos e os significados estão enraizados no conjunto das experiências que constituem essas pessoas como seres sociais, dentro dos cenários culturais da sexualidade dominantes em suas respectivas sociedades. Inúmeros são os fatores que contribuem para modelar essa experiência da sexualidade de maneira diferenciada de acordo com os grupos sociais: trajetórias biográficas, influência da religião, condições de vida, redes de sociabilidade, padrões de relação entre sexos, usos do corpo e posição na estrutura social (BOZON, 2004, p.97).

No momento da entrevista, Lorena, Estefânia, Enzo e Miguel afirmaram estar em um relacionamento sério; e Ágata e Nicolas disseram estar solteiros, mas que ficavam com pouca frequência. Outro dado interessante é sobre o “ficar” fazer parte do *habitus* dos jovens, cinco entrevistados relatam que os relacionamentos duradouros surgiram a partir do “ficar”. O relato de Nicolas, por exemplo, expressa essa possibilidade “acho que o ficar é uma porta de entrada, uma primeira experiência que você vive com outra pessoa”. Relacionado à frequência do “ficar”, Nicolas coloca um aspecto relevante ao correlacionar sua dificuldade em “ficar” com sua timidez.

“Ultimamente não estou ficando com ninguém, não estou pegando ninguém como se diz, mas eu não fico com muita, muita frequência assim, nesse sentido eu sou meio diferente. Talvez eu seja um cara mais tímido e nunca fui um pegador, um cara que ficava isso desde sempre, desde adolescente, sempre fui um cara mais reservado mais tímido. Tinha dificuldade para chegar e conversar com mulher e tal, e como sempre recai mais para o homem então. Hoje em dia está mais os dois, eu acho isso legal pra caramba, mas não sei se sou de outra época, quando era adolescente essa questão do homem chegar era mais forte e eu sempre fui um cara mais tímido e então. As minhas frequências de ficar, eu não sei te dizer um número, mas nunca foi muito, e sempre fui mais fixo assim” (Nicolas).

A partir dos relatos observa-se que faz parte do *habitus* desses jovens permanecer com o mesmo ficante por pouco tempo (de uma semana à três meses) e que após esse período um relacionamento sério pode ou não se estabelecer. Permanecer mais tempo com o mesmo ficante possibilita um relacionamento sério, como Nicolas expõe “Acho que o tempo maior é quando a ficada vai dar certo e virar namoro, acha que é no máximo dois meses, uma coisa que você deixa de ficar e começa a namorar. Nunca calculei, mas acho que são dois meses. Mas aí já é aquelas pessoas que vai virar namoro mesmo”.

Outras pesquisas relacionadas a temática mostraram resultados semelhantes, como no caso de Jesus (2005), que realizou uma pesquisa sobre o “ficar” e o namorar, com 38 adolescentes, de ambos os sexos, na cidade de Aracaju- SE. Os dados mostraram que o “ficar” é um ato que influencia e pode culminar em namoro sério e comprometido.

Em outro estudo, Castro, Abramovay e Silva (2004, p.91), notaram que “[...] não há contornos rígidos que determinem a impossibilidade do *ficar* se transmutar em uma relação de namoro”. Nas

palavras de Bourdieu (2004, p.90) a afinidade aproxima os agentes dotados de *habitus* semelhantes e são produtos de condições e condicionamentos sociais semelhantes, pois “[...] amar é sempre um pouco amar no outro uma realização de seu próprio destino social”. Para Stengel (2003) o “ficar” pode ser uma escolha temporária entre os jovens e pode significar também uma fase de espera para um namoro.

O ambiente social, por sua vez, demonstrou ser o modo pelo qual as transações efetivas acontecem, onde os jovens relataram manter contato com os ficantes tanto por meio das redes sociais quanto pessoalmente, desde que algum vínculo já tenha sido estabelecido.

O *habitus* de se comunicar perpassa também pelo receio de estabelecer um vínculo com uma pessoa desconhecida, como cita Ágata: “Só redes sociais, Facebook, e só, é o que eu sempre pego. E até celular eu fico receosa de trocar, mas só. Só Facebook mesmo, porque você pode excluir, bloquear e celular você não tem aí eu tenho medo dessa parte. É só mesmo rede social”. Não ter receio de se vincular pode implicar, como revela Nicolas, em possibilidade de namoro, ele diz que “[...] costumo entrar em contato com a pessoa, e abrir o canal de relacionamento e continuar ficando de novo, e se der certo pode até virar um namoro. E vira essa questão de namoro que é essa questão mais fixa”. Segundo Lorena “Esperava que a pessoa voltasse a me procurar ou eu mantinha contato com ela. Se encontrar, conversava, mas não ligar, ficar atrás, iniciando uma conversa, se encontrava era um oi tudo bem como você está. Isso até [adicionar no Facebook] mas sem iniciar a conversa”.

A partir dos relatos, observa-se que cada jovem se utiliza de uma estratégia para continuar se comunicando com os ficantes quando existe ou não o interesse de manter uma relação com a outra pessoa. Segundo Bourdieu (2004, p.81) a noção de estratégia como um “produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definindo, que se adquire desde a infância” na qual um bom jogador é aquele que a todo o momento faz o que deve ser feito mediante as exigências desse jogo que ele precisa perceber para realizá-lo. Quando se questiona sobre o “ficar” com pessoas conhecidas ou desconhecidas, os jovens entrevistados se mostraram divididos, apontando que isso pode ou não ser fator influenciador na decisão de “ficar” com uma pessoa. Para Lorena, por exemplo, o fato de se conhecer ou não o ficante é indiferente; já para Ágata, Enzo e Miguel a preferência é “ficar” com conhecidos, enquanto Estefânia revela sua preferência em “ficar” com desconhecidos, e Nicolas menciona que “depende da situação”. Nesse contexto, surge uma questão relevante sobre a influência de um “não” no momento da paquera, onde o grau de dificuldade em receber um não de uma pretendente varia se ela é ou não uma pessoa do seu meio social. Nas palavras de Nicolas:

“[...] O ‘não’ é totalmente difícil, então eu tomar não de uma pessoa desconhecida pra mim é ruim também. O conhecido o peso de tomar um não é maior. Agora quanto ao ficar deve ser a mesma coisa, porque envolve você cortejar, flertar a pessoa, envolve as mesmas coisas, falar com a pessoa, então eu acho que deve ser a mesma coisa, não deve ter coisa mais fácil e mais difícil. E na questão do ‘não’ é mais difícil você levar um não de quem você conhece”.

Ainda nesse contexto onde três jovens apontaram preferir “ficar” com conhecidos, isso se deve ao fato de que as pessoas que pertencem ao mesmo grupo estão mais próximas no espaço social e, por isso, os ficantes tendem a se relacionar com pessoas que estão próximas a elas, pois a interação acontece com maior facilidade.

A escolha do ficante depende também do momento mas, muitas vezes, esta escolha está associada a um mix de atração física, beleza, e de ser uma pessoa sociável e que saiba conversar de maneira inteligente. Conforme se observa nos trechos a seguir fica evidente que os jovens valorizam o capital cultural do pretendente. Para Estefânia “Ah, eu ia pelo mais bonito assim e que eu achava aí eu via se desse e se ele quisesse também aí eu ficava. Às vezes eu achava bonito e ia conversar e aí não era nada que eu pensava, eu também desencantava”, já Enzo relata a beleza como fator para “ficar”, em suas palavras, “A que eu achava ser mais bonita. Que eu considero mais bonita, pelo olhar, pela afinidade. Eu prefiro não falar muito, o menos conversar melhor”.

Diferentemente da atração física, da beleza e do capital econômico, por exemplo, o capital cultural se torna relevante no momento da escolha, sendo que este consiste na apropriação simbólica, ao investimento pessoal de incorporação deste capital realizado ao longo do tempo (Bourdieu, 2001). A transmissão do capital cultural começa pelos membros da família em uma acumulação inicial que acontece de modo rápido. Para Bourdieu (2001, p.75) “o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um habitus”. Esse capital pessoal não é transmitido instantaneamente diferentemente do dinheiro e é uma característica relevante no momento da paquera e na concretização do “ficar”.

Outro aspecto investigado é o papel crucial dos amigos no momento da escolha do ficante, pois são eles os responsáveis ou facilitadores na apresentação das pessoas e/ou no processo de intermediação. Conforme o relato de Miguel “Era sempre a indicação de alguém, a pessoa já havia demonstrado interesse por você ou você demonstrava interesse por outra pessoa, mas sempre tem alguém ali intermediando a relação”.

Nicolas também ressalta outro contexto, o de ser escolhido por alguém, conforme exemplifica “[...] não sou um cara de escolher, fui mais escolhido no meu histórico, ultimamente eu tenho criado uma autoconfiança maior e estou escolhendo mais [...]”. Esse contexto tende a se estabelecer pelo fato de Nicolas ter dificuldade em aceitar um “não” no momento da paquera.

De acordo com Miguel, o beijo representa a possibilidade da relação se tornar amizade ou um relacionamento. “E outra coisa também era o contato físico, o próprio beijar, o jeito que você toca a pessoa você percebe se é uma amizade, tipo, uma amizade que a pessoa não define muito bem como amizade ou se existe um interesse sentimental com outra pessoa, mais amoroso”. Conforme Almeida (2006), o “ficar” essencialmente é beijar e se desatrela do namoro, pois confere uma propriedade instantânea e recorrente. No entanto, a partir do relato de Miguel, o beijo se torna essencial e se relaciona com a possibilidade de envolvimento em um relacionamento sério.

Quando questionados sobre qual tipo de relacionamento que os jovens preferem, somente Ágata apontou preferir o “ficar”, pois a universidade e as atividades acadêmicas demandam muito do seu tempo, e ela não teria como agregar à sua rotina tempo suficiente para se dedicar a um relacionamento. Segundo Stengel (2003, p.53) “Em nossos dias, os planos de vida das mulheres não se restringem exclusivamente ao casamento e à maternidade. Novos horizontes são desejados e possibilitados, como atesta a ênfase dada à carreira profissional”.

Já os que optaram pelo namoro, mencionam exatamente o fato de que este relacionamento estabelece vínculo emocional exigindo, assim, necessidade de investimento (tempo). A preferência pelo namoro também foi encontrada nos resultados da pesquisa realizada por Nogueira, Zocca, Muzzeti e Ribeiro (2014) com adolescentes entre 17 e 23 anos de idade.

Os jovens relatam que os locais onde ocorrem as ficadas são variados, mas apresentam maior regularidade as festas universitárias. Nicolas, por exemplo, cita que nos últimos meses seu local tem sido a própria casa já que mora sozinho e tem maior liberdade. “Ultimamente te sido mais na minha casa mesmo. Eu moro sozinho e convido a pessoa para assistir um filme, fazer alguma coisa junto e rola um espaço mais reservado de boa assim”. Quando questionados se existe relação entre amor e sexo, os jovens apresentam regularidade quando dizem que existe dentro de um relacionamento sério e a partir do vínculo emocional entre as pessoas. Como declara Estefânia “Sim, mesmo quando eu era solteira, eu sempre me guardei pra isso, pra pessoa certa”. Nicolas diz que é uma questão muito difícil de responder e indica que “pode sim existir sexo sem amor”.

Quanto a manter relações sexuais no “ficar”, existe unanimidade entre o gênero feminino ao dizerem que não teriam relação sexual nessa relação, tampouco durante o primeiro encontro. Entre os homens, Enzo relata que nunca teve, mas que teria relações sem problemas; Nicolas também teria; já Miguel, teria a partir do segundo ou terceiro encontro, “Acho que ficando eu teria, mas em um primeiro encontro eu acho que muito dificilmente, só se rolasse uma química muito forte. Mas a partir de um segundo ou terceiro encontro eu não veria problema. Porque a relação do ficar pra mim é conhecer a outra pessoa”.

A pesquisa realizada por Reith (2002) também apontam resultados nesse sentido. Em seu estudo, as jovens elegem os namorados como parceiros ideais e associam o sexo ao contexto de uma relação amorosa pois, para elas, o “ficar” não envolve manter relações sexuais. Segundo Stengel (2003, p.68):

Os adolescentes ao relacionarem o ficar com a beleza e o erótico e o namoro com o afeto e com a “beleza interior”, fazem parecer possível uma cisão entre o sexo e afeto. O ficar estaria associado ao sexo e o namoro ao afeto, como se ambos não existissem em qualquer um dos relacionamentos.

Em relação à fidelidade no relacionamento amoroso, existe regularidade na fala dos jovens quando eles dizem ser necessário em um relacionamento sério, pois este se remete a um envolvimento emocional, confiança e permanência com alguém durante longo período. Para Ágata “Eu acho que é tudo, porque se a pessoa não tem confiança na outra acaba logo. E se ela quer que dure, vai ficar com a outra pessoa, acho que tem ser uma coisa muito importante”. Miguel cita o comprometimento no relacionamento como motivo para não ser infiel.

“Bom, o relacionamento amoroso envolve compromisso, eu acho que se você está se comprometendo em ficar com outra pessoa e acontecer de ter uma infidelidade, de acontecer de ter um caso com outra eu acho que não há motivo, se eu estou me comprometendo com você porque eu vou procurar outra pessoa. O sentimento que eu tenho com você não envolve sentimento, atração física, porque eu vou procurar isso com outras pessoas. Agora dentro do ficar não, se o ficar é justamente isso, você não se envolver emocionalmente com outra pessoa, você não tem nenhuma forma de compromisso com ela. Então não tem problema, não existe infidelidade de uma pessoa quando você está ficando”.

Com relação ao “ficar”, Nicolas cita que a fidelidade pode ser negociada pelo casal mesmo no “ficar”, mas que por conta do curto período do relacionamento esse tipo de conversa ao menos se concretiza.

“Eu acho que tem ser uma coisa negociada, como eu já ouvi falar que a sexualidade é muito ampla, até no sentido de saber que tem gente que gosta de saber que foram traídas, pessoas que tem fetiches por isso. Então cada casal é um casal, eu acho que tudo tem que ser discutido e negociado no casal. Quando eu estou pensando nisso eu imagino que tenha comunicação entre as duas partes, pra saber o que cada um espera do outro, e dentro deste sentido se é negociável, a questão da fidelidade, então tudo é possível. [No ficar] é possível de ser negociado também, mas eu acho que o ficar é muito rápido, e não dá espaço para pensar a fidelidade, talvez. Ficada mais longa convém negociação, pra mim a sexualidade tem que ser negociada sobre qualquer aspecto” (Nicolas).

No tocante a opinião dos entrevistados sobre o que os jovens preferem, “ficar” ou namorar, na opinião de Ágata, Estefânia e Enzo, os jovens na atualidade preferem “ficar”, pois favorece maior liberdade e o não comprometimento com a outra pessoa. Para Lorena, Nicolas e Miguel há jovens que preferem “ficar” e outros namorar, dependendo do momento e do interesse de cada um.

Sendo assim, se verificou a partir da trajetória do grupo de seis jovens entrevistados a singularidade de cada um deles em relação ao “ficar”, sendo que, apesar das regularidades em diversos aspectos relacionados ao objeto estudado, cada trajetória social se mostra única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos dos jovens a partir do *habitus* e da trajetória de vida evidencia certa regularidade quando eles descrevem que o “ficar” **é compreendido como um relacionamento sem vínculos e comprometimento**, vivenciado em curto prazo de tempo e caracterizado como um momento de diversão, de beijar, ou até um estado de pré-namoro, onde se objetiva melhor conhecer a outra pessoa e dar início ao namoro.

Ademais, se constatou que, apesar da beleza física ser considerada importante para escolher o pretendente, o fator capital cultural demonstra ser influenciador na escolha do parceiro (a). Destaca-se também o intermédio e/ou a ajuda de um amigo durante o processo do “ficar”, condição essa associada à insegurança em receber uma resposta negativa do pretendente no momento da paquera.

As redes sociais também aparecem nos discursos dos jovens uma vez que estas facilitam a manutenção do contato com o ficante desde que haja interesse. Outro aspecto importante da pesquisa revelou que não há preferência dos participantes entre “ficar” com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mas “ficar” com conhecidos tende a ser mais fácil, pois para alguns jovens nem sempre é fácil se envolver com alguém desconhecido.

É importante destacar que nas falas do gênero feminino o ideal de amor romântico aparece ao relatarem que não teriam relação sexual no “ficar”, ao contrário do que foi observado no gênero masculino. O vínculo entre amor e sexo se apresenta com regularidade para o gênero feminino, pois as jovens relatam que para ter relação sexual é importante gostar e amar a outra pessoa; no entanto, o fator fidelidade mostrou-se na maioria dos casos estar vinculado ao relacionamento sério.

Por fim, é importante ressaltar que a trajetória de vida desses jovens exprime as disposições do *habitus*, princípio que estrutura suas práticas em relação ao “ficar”. Além disso, as conclusões deste estudo permitiram confirmar determinadas vivências dos adolescentes destacadas nos estudos de Chaves (1994), Stengel (2003), Jesus (2005), entre outros autores. Pode-se citar como aspectos mais significativos do “ficar” a curta duração do relacionamento, a ausência de fidelidade na relação, e o “ficar” como um estágio pré-namoro e com os integrantes do mesmo grupo social. Ademais, a beleza e o capital cultural aparecem como requisitos para a escolha do ficante, sendo o último, fator crucial na continuidade do relacionamento.

Referências

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação educativa, 2005. p.19-39.

AFFONSO, L. A., & RIBEIRO, P. R. M. O “ficar” e o “rolo”: provocando o debate sobre as atitudes e relações afetivas dos jovens do final do século XX e início do século XXI. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. **Adolescência em questão: estudos sobre sexualidade**. Araraquara: FCL – UNESP Laboratório Editorial. (Coleção Psicologia e Saúde; 2). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p.27-39.

ALMEIDA, M. I. M. “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, M. I. M. & EUGÊNIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. cap. 3, p.139-157.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p.39-72.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Trad. Cássia. R. da Silveira e Denise Montero Pegorim. São Paulo: Brasiliense. 2004.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Trad. Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRUNS, M.A.T. O olhar do cotidiano e a perda da sensibilidade: relacionamentos relâmpagos. In: BRUNS, M.A.T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo editora, 2010. p.20-22. (Coleção sexualidade & vida).

- CABRAL, J. T. A sexualidade no mundo ocidental. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. A iniciação sexual dos jovens. In: CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L.M. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. p. 66-126.
- CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. (Coleção Paradidáticos, Série Cultura). São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CATONNÉ, JEAN-PHILIPPE. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2. ed. Cortez Editora, 2001.
- CHAVES, J.C. **“Ficar com”**: um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: como ensinar no espaço da escola. Revista Linhas, n.7, v.1, 2006a.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **“Ficar”**: reflexões a partir do que pensam alguns professores e alunos do ensino médio. In: FIGUEIRÓ, M.N.D.; RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Adolescência em questão**: estudos sobre sexualidade. Araraquara: FCL – UNESP Laboratório Editorial. (Coleção Psicologia e Saúde; 2). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006b. p.41-73.
- GREGERSEN, E. **Práticas sexuais**: a história da sexualidade humana. Trad. Antônio A. T. Serra; Edison Ferreira. São Paulo: Livraria Roca Ltda, 1983.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- JESUS, J. S. O. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 6, n. 1, p. 67-73, jan./jun. 2005.
- JUSTO, J. S. O **“ficar”** na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**, UFF, v.17, n.1, 61-77, jan./jun. 2005.
- LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOYOLA, M. A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEIBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999. p.31-39.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Revista Doxa**, v.15, n.1, 2011. p. 75-84.
- NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação (Pierre Bourdieu)**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, n.78, 2002. p. 15-36.
- NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M. Relacionamento amoroso: experiências afetivo-sexuais dos jovens na atualidade. **Revista Uniara**, v.17, n.1, 2014. p.127-134.
- NUNES, C. A. Política, sexualidade e educação. **Filosofia e Educação (Online)**, v. 3, n. 2, 2011. p.4-17.
- RIETH, F. Ficar e namorar. In: BRUSCHINI, C.; HOLLANDA, H. (Org.). **Horizontes plurais**: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 1998. p. 113-133.

RIETH, F. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. **Horizontes Antropológicos**, v. 8, p. 77-93. 2002.

SILVA, S. P. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Caderno Cedes Campinas**, v. 22, n. 57, p. 23-43. 2002.

STENGEL, M. **Obsceno é falar de amor?**: as relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

WÜSTHOF, R. **Descobrir o sexo**. Série Jovem Hoje. 9.ed. São Paulo: Editora Afiliada, 1998.

Recebido em 9 de novembro de 2017.

Aceito em 5 de dezembro de 2017.